



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i1.3637>

## O ESPÍRITO DE PENTECOSTES EM GERTRUDES DE HELFTA: LEITURA PNEUMATOLÓGICA DE UMA MÍSTICA ALEMÃ DO SÉC. XIII<sup>1</sup>

*The Spirit of Pentecost in Gertrud von Helfta:  
Pneumatological reading of a German mystic of the 13th century*

**Marcial Maçaneiro<sup>2</sup>**

**Resumo:** A beneditina Gertrudes, conhecida como “magna”, nasceu na cidade de Eisleben, Alemanha, em 1256; transcorreu a maior parte de sua vida no mosteiro de Helfta, nas cercanias da mesma cidade, onde faleceu em 1302. Dotada de inteligência e sensibilidade, com 25 anos de idade passou por um processo de conversão: deixou a avidez pelas Artes Liberais e iniciou uma intensa experiência do amor de Deus (*divina pietas*) – donde o título de sua obra-mestra *Legatus divinae pietatis* (Mensageiro do amor divino), seguida pelos *Exercitia spiritualia* (Exercícios espirituais). De postura cristocêntrica, Gertrudes enaltece a graça divina sobre todo mérito individual. Sua obra alcançou grande influência no Ocidente, com muitas reedições, a partir do século XV. Neste estudo, apresentamos os traços fundamentais de seu itinerário místico, para concentrar-nos em seguida em sua experiência do Espírito Santo. Procedemos a uma leitura pneumatológica de *Legatus divinae pietatis*, para recolher e expor teologicamente a contemplação trinitária do Paráclito em Gertrudes, sua recepção dos sete dons santificantes, os carismas que manifesta e, por fim, sua experiência do novo Pentecostes. Além das fontes bíblicas, litúrgicas e patrísticas muito citadas, Gertrudes testemunha uma peculiar e feminina experiência do Espírito que consola, instrui e renova sua pessoa integralmente. A análise dos textos revela-nos uma pneumatologia narrativa e vivencial, que, em alguns aspectos, antecede as características do avivamento pentecostal moderno.

**Palavras-chave:** Espírito Santo. Mística. Gertrudes de Helfta. Pentecostes. Monasticismo.

**Abstract:** The Benedictine nun Gertrud, known as “the great”, was born in Eisleben, Germany, in 1256, spending most of her life in the Monastery of Helfta, where she died in 1302. Gifted with intelligence and sensitivity, at the age of 25 she underwent a process of conversion: she left the research for the Liberal Arts and began an intense experience of the love of God (*divina pietas*) – whence the title of her masterpiece *Legatus divinae pietatis* (Herald of divine love), followed by *Exercitia spiritualia* (Spiri-

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 30 de março de 2020 e aprovado em 05 de maio de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia. PUCPR. E-mail: marcialscj@gmail.com

tual Exercises). Christocentric, Gertrud raises divine grace above individual merit. Her work reached great influence in the West, with many reissues since the century XV. In this paper, we present the essential traits of her mystical journey, focused on her experience of the Holy Spirit. We proceeded to a pneumatological reading of the *Herald of divine love*, collecting and exposing theologically the trinitarian contemplation of the Paraclete in Gertrud, her reception of the 7 sanctifying gifts, the charisms and, finally, her experience of the new Pentecost. In addition to the much-quoted biblical, liturgical, and patristic sources, Gertrud witnesses a peculiar and feminine experience of the Spirit that comforts, instructs, and renews her person in its entirety. The analysis of the texts reveals a narrative and experiential Pneumatology that, in many ways, predates the characteristics of modern Pentecostal revival.

**Keywords:** Holy Spirit. Mystics. Gertrud von Helfta. Pentecost. Monasticism.

## Introdução

Gertrudes nasceu em Eisleben, Alemanha, em 06 de janeiro de 1256. Conforme uso da época, aos cinco anos de idade foi confiada às beneditinas de Helfta, nas cercanias de Eisleben, sendo educada por Matilde de Hackeborn. Sedenta de conhecimento, devota-se ao estudo das artes liberais, aprendendo letras e filosofia. Apesar de seu apreço pela liturgia e a Bíblia, gramática e dialética foram sua primeira paixão. Mais tarde, aos 25 anos de idade, em 1281, sua vida passa por uma reviravolta: Gertrudes volta-se prioritariamente à busca de Deus, tocada por um encontro místico com Jesus Cristo. Toda a sua vida (inteligência, afetos e vocação monástica) é redimensionada por esse encontro, como veremos ao analisar sua obra, o *Legatus divinae pietatis*<sup>3</sup>. A partir daí, o amor de Deus (*divina pietas*) torna-se a sua primeira devoção, no sentido de graça e devotamento. Ela não refuta o conhecimento antes adquirido, mas o integra na *via amoris*: a união e transformação em Deus-Amor. Como diz Gertrudes, “uma união mais íntima, uma contemplação mais viva, uma alegria mais intensa”<sup>4</sup>.

Após sua “conversão”<sup>5</sup>, a jovem Gertrudes empreende um caminho novo: mergulha na *lectio* transformante da palavra de Deus, sacia-se nas fontes litúrgicas do Mistério redentor, experimenta os dons do Espírito Santo e renova sua aliança esponsal com o Coração de Cristo.<sup>6</sup> Esse percurso é testemunhado pelos escritos gertrudianos: os quatro livros do já mencionado *Legatus divinae pietatis*, por vezes citado apenas como

<sup>3</sup> Neste estudo usamos as edições brasileiras do *Legatus divinae pietatis* com os Livros I, II e III traduzidos por Maria Zuleika Bezerra (Edições Subiaco, 2012), e o Livro IV traduzido por Celso da Costa C. Vidigal (Editora Artpress, 2016) [citados doravante como *Legatus divinae pietatis*]. Para as traduções, consideramos também o texto latino do *Legatus* I-V publicado na coleção *Sources Chrétiennes*, aos cuidados de Jean-Marie Clément OSB, Bernard De Vregille SJ e Pierre Doyère OSB (Éditions du Cerf, 1968, 1978, 1986). Porém, como o Livro V trata da escatologia, deverá ser abordado em outro estudo.

<sup>4</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 2, n. 1. Rio de Janeiro: Subiaco, 2012. p. 84.

<sup>5</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 2, n. 1. Rio de Janeiro: Subiaco, 2012. p. 84.

<sup>6</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 23. Rio de Janeiro: Subiaco, 2012. p. 130-140.

*Legatus*; e o compêndio dos *Exercitia spiritualia*, em que ela propõe um roteiro de sete exercícios espirituais, cujas edições se multiplicaram na Europa e nas Américas.<sup>7</sup>

Conhecida por sua contemplação do Coração de Jesus – de quem ela é dita “a teóloga”<sup>8</sup> –, Gertrudes guarda outro aspecto significativo para a teologia e a espiritualidade cristãs: sua experiência do Espírito Santo como novo Pentecostes. Em seus escritos, ela atesta uma experiência do Espírito e seus dons como atualização da promessa de Atos 1.8: *Accipietis virtutem supervenientes Spiritus Sancti in vos* – “Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós”<sup>9</sup>. Como veremos, a realização dessa promessa marcou profundamente a vida de Gertrudes como Pentecostes cotidiano. Gertrudes faleceu em 17 de novembro de 1302, reconhecida pela Igreja Católica com o título de *a grande*: Gertrudes Magna.

## O itinerário místico de Gertrudes

Gertrudes percorre a *via amoris* como mulher consagrada, chegando à experiência da união esponsal com o Coração de Jesus, o *Coração transpassado* (cf. Jo 19.33-37) que, na tradição patrística e medieval de raiz joanina, era o “sinal mais completo do amor regenerador de Deus Pai revelado em Cristo”<sup>10</sup>. A jovem Gertrudes o reconhece como Coração do Esposo, cujo amor é ofertado e acessível na Humanidade do Verbo.<sup>11</sup> Sendo beneditina, ela se ambienta na liturgia, escutando a palavra de Deus *cum ecclesia* (em comunhão com a igreja). De seu itinerário místico, apresentamos aqui os elementos pneumatológicos, seguindo o enfoque do presente estudo:

“Ó Caridade desejável!” – Cristo e o mistério da Trindade

A experiência de Gertrudes lança raízes no terreno da vida monástica, como beneditina da Saxônia em finais do século XIII. Seu ritmo diário é marcado pela recitação dos Salmos na *Liturgia das Horas* e pelo *Lecionário bíblico* do tempo litúrgico, num roteiro estável e disciplinado de escuta da palavra de Deus nas Escrituras. Como mulher consagrada, Gertrudes busca a perfeição da fé, esperança e caridade no cenóbio beneditino de Helfta – um mosteiro regular, porém receptivo à reforma liderada por Bernardo de Claraval, muito citado por Gertrudes.<sup>12</sup> Matilde de Hackeborn e Matilde de Magde-

<sup>7</sup> Para os *Exercitia spiritualia* usamos a edição histórica do *Manual gertrudiano ou Exercícios espirituais de santa Gertrudes Magna* aos cuidados da Congregação Beneditina Brasileira (Editora Herder, 1914), em cotejo com sua edição em *Sources Chrétiennes* (Éditions du Cerf, 1967). [Citado doravante como *Manual gertrudiano*].

<sup>8</sup> PERROUX, A. Tradition et actualité de la mystique médiévale: Sainte Gertrude d’Helfta. *Studia Dehonianiana*, Roma, n. 52, 2009. p. 95.

<sup>9</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38. São Paulo: Artpress, 2016. p. 183; também no Livro IV, Cap. 17, p. 107 e no *Manual gertrudiano*. Roteiro VI, p. 296.

<sup>10</sup> CARMINATI, A. *Ele veio pela água e pelo sangue*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 159.

<sup>11</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 5, n. 1-3, p. 91-93; e Livro IV, Cap. 35, p. 173 e 193.

<sup>12</sup> A edição do *Legatus divinae pietatis* na coleção *Sources Chrétiennes* dispõe, no final dos volumes, de um índice das citações que Gertrudes faz do Abade de Claraval.

burgo, familiares ao mosteiro de Helfta, servem-lhe de referência para a linguagem. Das fontes espirituais remotas temos Agostinho e Hugo de São Vítor, entre outros. De fato, todos esses autores são citados no *Legatus divinae pietatis*, já nas primeiras páginas do Livro I. Os textos gertrudianos fazem referência, ainda, a “Gregório Magno, Beda o Venerável, Leão Magno, Ricardo de São Vítor, Guilherme de Saint-Thierry”<sup>13</sup>, o que nos indica certa familiaridade de Gertrudes com o pensamento desses autores.<sup>14</sup>

Sempre atenta ao sentido teológico da liturgia – como assinala Vagaggini (1959) –, a experiência de Gertrudes é eminentemente cristocêntrica e trinitária: focada no mistério de Cristo, o Filho unigido de Deus, proclamado no Novo Testamento e celebrado ao longo do ano litúrgico. Bastaria uma leitura de alguns tópicos de seus escritos para nos impressionar com as inúmeras referências à liturgia. Uma amostra disso é o Livro IV do *Legatus divinae pietatis*: o livro é ordenado segundo as festas litúrgicas que se sucedem do Natal até Pentecostes, incluindo a festa dos Santos. Gertrudes atravessa cada tempo litúrgico com uma sensibilidade extrema: recebe o Cristo que nasce na história e em si mesma pela graça (Advento e Natal), acolhe os apelos de conversão proferidos pelos profetas (Quaresma), comunga do amor divino doado sem reservas na cruz (Paixão), alegra-se com a vida nova da ressurreição (Páscoa), contempla o retorno glorioso de Cristo para junto do Pai (Ascensão) e renova em sua vida a obra do Espírito Santo (Pentecostes).

Nas meditações e preces, Gertrudes combina correção teológica e liberdade afetiva, exclamando na presença do Mistério: “Ó abismo incriado de Sabedoria que invoca outro abismo! [Salmo 42.8]; Tu, meu Deus, és a Verdade, de esplendor superior a todas as luzes, porém mais oculto que o profundo abismo”<sup>15</sup>, “Ó Dispensador de todos os bens”<sup>16</sup>, “Ó abismo de Sabedoria; ó Caridade desejável”<sup>17</sup>, “Ó Fogo consumidor”<sup>18</sup>, “Ó tranquila e fúlgida Trindade”<sup>19</sup>, “Deus amantíssimo e Amigo dos homens”<sup>20</sup>.

Cabe ainda observar, como diz Freitas Carvalho, que “o cristocentrismo de Gertrudes – no sentido em que Cristo é o centro de sua teologia – é o cristocentrismo de S. Paulo”<sup>21</sup>. Com efeito, “a espiritualidade gertrudiana é paulina: o acesso à vida divina não é possível senão pela incorporação ao Cristo, realidade misteriosa”<sup>22</sup>. Também Vagaggini, em seu competente estudo sobre a espiritualidade litúrgica de Gertrudes, demonstra como nela ecoam os grandes temas da teologia paulina: a lúcida

<sup>13</sup> FORASTIERI, A. L. Santa Gertrudis Magna: uma mística teóloga. *Revista Teoliterária*, v. 3, n. 6, p. 164-165, 2013.

<sup>14</sup> FREITAS CARVALHO, J. A. M. *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: INIC; Universidade do Porto, 1981. p. 20.

<sup>15</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 1, n. 1, 82.

<sup>16</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 5, n. 5, p. 94.

<sup>17</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 6, n. 1, p. 94.

<sup>18</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 6, n. 2, p. 97.

<sup>19</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 11, n. 1, p. 104.

<sup>20</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 18, n. 2, p. 117.

<sup>21</sup> FREITAS CARVALHO, 1981, p. 20.

<sup>22</sup> DOYÈRE, P. (trad.). Introduction. In: GERTRUDE D’HELFTA. *Le héraut de l’amour divin I-II*. Paris: Éditions du Cerf, 1968. p. 34.

consciência da graça divina que lhe supre toda pequenez, limite e miséria humana; a contemplação da Trindade na obra redentora de Jesus, o mistério da encarnação e a função mediadora de Cristo; a recapitulação do cosmos e a liturgia escatológica que o Senhor realiza em sua glória; a igreja como Corpo de Cristo e comunhão dos santos.<sup>23</sup>

“Volta-te agora para Mim” – encontro com o Amado

Transcorridos vinte anos no mosteiro, Gertrudes teve uma significativa experiência mística, após um período de crise. Ela nos fala de um encontro intenso e pessoal com Jesus Cristo e indica a data com exatidão: era o dia 27 de janeiro de 1281. Estava, portanto, com 25 anos de idade quando Jesus se manifesta a ela na figura de um jovem belo e atencioso que a consola e fortalece. Essa marcante experiência está registrada no *Legatus divinae pietatis* Livro II, Cap. 1, n. 2 como efetiva “conversão”<sup>24</sup>. A experiência, neste caso, não ocorre durante o Ofício Divino ou após a comunhão sacramental, mas inserida no espaço-tempo do mosteiro, atualizando o *hoje* de Deus<sup>25</sup> no cotidiano de Gertrudes:

Na hora, pois, que indiquei acima [crepúsculo do dia 27 de janeiro de 1281, segunda-feira, véspera da festa da Purificação de Maria, após oração das Completas], estava eu no meio do dormitório; ao encontrar ali uma irmã mais velha, diante dela inclinei a cabeça em sinal de respeito, conforme se diz na regra monástica; e eis que, ao reerguer a cabeça, vi ao meu lado um jovem de pé, amável e delicado, de uns dezesseis anos, de tal formosura como então minha juventude teria desejado que ele agradasse minhas vistas exteriores. Este jovem, de semblante afável e com palavras carinhosas me disse: “Em breve verás a tua salvação. Por que te consomes em tristeza? Acaso não tens conselheiro? Acaso a dor te modificou tanto?” – Ao ouvi-lo dizer isso, embora eu soubesse estar corporalmente no dormitório, todavia me parecia estar no coro [onde se celebra o Ofício Divino], no ângulo em que costumava fazer minha oração tibia; então ouvi as seguintes palavras: “Eu te salvarei e te libertarei: não temas!”<sup>26</sup>.

Perplexa, a jovem monja recorda que estava a ponto de desfalecer, quando

[...] repentinamente, ele próprio, sem nenhuma dificuldade, me tomou e me levantou, pondo-me junto de si. Foi quando reconheci, naquela mão – que ao me sustentar comunicou-me a promessa antes mencionada – as evidentes marcas das chagas. Louvo, pois, adoro e bendigo a vossa sábia compaixão e a vossa misericordiosa sabedoria! E tanto quanto posso, vos rendo graças! Pois deste modo, vós – meu Criador e Redentor – al-

<sup>23</sup> Cf. VAGAGGINI, C. *Il senso teologico della liturgia*. Roma: Paoline, 1959. p. 721-736.

<sup>24</sup> Na edição brasileira de 2012, p. 82-83.

<sup>25</sup> Gertrudes meditará sobre o Hoje de Deus nos *Exercícios espirituais* VI: assim como o encontro de 1281 concedeu-lhe viver uma primeira Páscoa no hoje do cotidiano, o encontro definitivo com Jesus lhe concederá ingressar no *hoje* da Páscoa eterna. Jesus lhe diz: “Sai do exílio e vem gozar comigo o feliz amanhã da eternidade que não passa. Ali me encontrarás, a mim, Jesus, o verdadeiro Hoje da luz divina, princípio e fim de todas as criaturas” (*Manual gertrudiano*. Roteiro VI, p. 239).

<sup>26</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 1, n. 1-2, p. 82-83.

cançastes submeter minha cerviz indômita ao vosso suave jugo, preparando o remédio adequado à minha enfermidade [de alma]. Pois desde então, serena e com renovada alegria de espírito, comecei a caminhar na suavidade de vossos bálsamos, de sorte que eu considerava suave o vosso jugo e leve o vosso fardo – o que, pouco antes, eu considerava impossível de carregar<sup>27</sup>.

Nesse relato, a intimidade afetiva e psicológica de Gertrudes exprime-se ao modo da relação amada-Amado, tomando a linguagem do *Cântico dos Cânticos* (cf. Ct 2.10-13). Ela não é uma vidente na acepção extraordinária do termo, mas uma contemplativa cuja mente e afetos se unem na recepção de “visões imaginativas”<sup>28</sup>, “imagens místicas” e “representações dramáticas”<sup>29</sup> que eram logo interpretadas. Trata-se, pois, de um processo hermenêutico, ambientado no cenário teológico-simbólico da liturgia, da meditação bíblica e das fontes patrísticas, com significados femininamente assimilados por Gertrudes.<sup>30</sup> Nesse processo, ela não se perde no subjetivismo desvairado, mas afirma-se como sujeito de relações com Deus e os demais, norteadas pelo ideal beneditino, zelando pela caridade na comunidade, aberta à estética musical e pictórica da arte litúrgica, tocada pelos valores e pelos humores que a envolvem, na comunidade sororal de Helfta. Atenta ao mistério da Encarnação (cf. Jo 1.14 e 1Jo 1.1-4), Gertrudes valoriza a *humanidade*; seja a humanidade de Jesus, Verbo encarnado e imagem do Deus Invisível<sup>31</sup>, seja a sua própria humanidade, enquanto criada à “imagem e semelhança” do Verbo.<sup>32</sup> Confiante de que a graça supõe a natureza, como a encarnação do Verbo supõe a humanidade, ela descreve sua experiência de Deus com “temperamento vivo e talento dramático”<sup>33</sup>.

Com sua linguagem, Gertrudes atesta uma experiência significativa de impacto subjetivo, com a percepção das próprias misérias sanadas pela misericórdia divina; e impacto objetivo, resultando numa livre e resoluta conversão de conduta em face de si e da comunidade. Pois ela, daquele dia em diante, jovem de 25 anos completos, entra num processo de *metanoia* (transformação): após longo tempo dedicado às Letras e à Filosofia, decide enveredar no caminho da contemplação, atraída pelo amor da Trindade. A palavra de Deus abre-lhe novas vias de sentido, beleza e encontro com o Mistério divino. É nesse contexto que o *Legatus divinae pietatis* fala de uma passagem decisiva na vida da monja: “Daquela instante adiante, a jovem Gertrudes – passando de gramáti-

---

<sup>27</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 1, n. 1-2, continuação do relato à p. 82-83; repetido nos *Exercícios espirituais*, p. 25-29; note-se que, ao final, Gertrudes remete a Mt 11.30: “Pois o meu jugo é suave e meu fardo, leve”.

<sup>28</sup> VAGAGGINI, 1959, p. 703

<sup>29</sup> CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRAZILEIRA (ed.). *Manual gertrudiano ou Exercícios espirituais de santa Gertrudes Magna*. Friburgo em Brisgau: Herder, 1914. p. 14.

<sup>30</sup> Quenardel sugere um tipo de “percepção visual” da “teologia sacramental da Igreja” com base na livre disposição de “sentire cum ecclesia” que Gertrudes manifesta. Cf. QUENARDEL, O. *Saint Gertrud of Helfta: doctor of the prayer of the Church*. p. 8 Disponível em: <<http://www.abbotjohnneudes.org/StGertrude.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

<sup>31</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 24, n. 1, p. 140-141.

<sup>32</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 7, n. 2, p. 97.

<sup>33</sup> CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRAZILEIRA (ed.), 1914, p. 50.

ca a teóloga [*de grammatica facta theologa*] – começou, pois, a ruminar sem fastio [com sabor e leveza], todos os livros da divina página [Bíblia] que pudesse ter ou adquirir”<sup>34</sup>.

“*Pelo Espírito Santo, em amor*” – união e transformação

Tocada pela *pietas* do Deus que “nos amou primeiro” (1Jo 4.19), Gertrudes vê-se num processo de amadurecimento: no “fogo consumidor” do Espírito que “transforma as escórias em ouro puro e precioso”<sup>35</sup>, ela revê suas motivações de jovem monja e diz-se atraída, por Jesus, “para uma união mais íntima, uma contemplação mais viva, uma alegria mais intensa”<sup>36</sup>. A partir de 27 de janeiro de 1281, como dito, Gertrudes acelera seu aprimoramento humano e teológico “in Spiritu Sancto”<sup>37</sup>, resultando numa adesão renovada ao Cristo Esposo, vivida com “inteligência luminosa e afeto puro”, com um coração “livre e desembaraçado”<sup>38</sup>. Ela descreve essa experiência com linguagem paulina: despojamento da velha humanidade e revestimento “do homem novo, criado segundo Deus, em justiça e santidade verdadeiras” (Ef 4.24) – como vemos no Livro I do *Legatus divinae pietatis*.<sup>39</sup> Também a referência ao Espírito Santo é tomada de Paulo: “pelo Espírito Santo, em amor” (1Co 6.6)<sup>40</sup>, numa citação abreviada pela qual Gertrudes expressa o modo de agir do “Espírito Consolador” que a inunda de “esplendor” e “claridade divina”<sup>41</sup>.

Esse percurso “in Spiritu Sancto” redimensionou a cultura de Gertrudes como mulher “ávida pelas Artes Liberais”<sup>42</sup>, tornando-a uma douda intérprete das operações do Paráclito. Como diz o *Legatus divinae pietatis*, “de grammatica facta theologa”: antes versada nas Letras clássicas, agora feita teóloga.<sup>43</sup> Essa passagem das Letras à teologia não significou a perda da ciência anterior, nem a mera sistematização conceitual da fé, mas um novo arranjo cultural e psicológico da jovem Gertrudes: o conhecimento (inteligência racional) é posto sob o primado do amor (inteligência teologal), com as Escrituras iluminando a Filosofia, e a graça dirigindo a retórica.<sup>44</sup> Sua relação com Deus seguirá a *via amoris*, “como uma esposa que conhece todos os segredos do Esposo”<sup>45</sup>. Essa experiência de 1281 assinala, em Gertrudes, o fim de uma crise juvenil e o ingresso

<sup>34</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 2, p. 26.

<sup>35</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 7, n. 2, p. 97.

<sup>36</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 2, n. 1, p. 84.

<sup>37</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 17, p. 107.

<sup>38</sup> Como acrescenta Gertrudes nos exercícios: *Manual gertrudiano*. Roteiro VII, p. 325.

<sup>39</sup> Citado por Gertrudes no *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 2, p. 26.

<sup>40</sup> Leitura bíblica do Primeiro Domingo da Quaresma, ocasião em que se situa o relato da autora nesta passagem do *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, p. 107.

<sup>41</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, p. 107-108

<sup>42</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 1, p. 25. Na Idade Média, as artes liberais compunham sete cursos, em dois blocos: o *trivium* (Gramática, Dialética, Retórica) e o *quadrivium* (Aritmética, Música, Geometria, Astronomia). No caso de Gertrudes, isso “lhe assegurou uma sólida cultura literária, filosófica, teológica e musical” (FORASTIERI, 2013, p. 144).

<sup>43</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 2, p. 26.

<sup>44</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 2, p. 26.

<sup>45</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 17, n. 2, p. 74.



num tempo novo, de maturidade psicológica e espiritual.<sup>46</sup> Naquela data, o encontro com o Amado proporcionou-lhe uma *passagem* decisiva: ela deixa a “região da dessemelhança” que lhe ofusca a *Imago Dei*, e volta-se para Deus. É o que diz o *Legatus*:

Ela então compreendeu que havia permanecido longe de Deus, na região da dessemelhança, aplicando-se excessivamente aos estudos profanos e esquecendo-se, até aquele dia, de abrir seus olhos à luz da inteligência espiritual. Apegada demasiadamente ao prazer do conhecimento humano, tinha se privado do doce sabor da verdadeira sabedoria<sup>47</sup>.

Essa *passagem* das Letras (*Grammatica*) à revelação divina (*Theologia*) é conscientemente reconhecida por Gertrudes como a “conversão” que marcou sua vida.<sup>48</sup> Como nota Doyère, tal conversão “não é o retorno a Deus de uma alma dada ao pecado ou simplesmente cega pela indiferença de distrações frívolas: é sua passagem do intelectualismo à vida mística”<sup>49</sup>. Há outras duas páginas no *Legatus divinae pietatis* e nos *Exercitia Spiritualia* nas quais Gertrudes expressa essa conversão, que são relevantes para nosso estudo por causa dos elementos pneumatológicos ali contidos. A primeira está no Livro II do *Legatus*, quando Gertrudes expõe o propósito do mesmo livro:

[...] Ouso afirmar com toda segurança que, por tua graça – disso tenho plena certeza – nenhum outro motivo levou-me a escrever ou falar de tais assuntos [relativos à divina piedade], senão a obediência à tua vontade, o desejo da tua glória e o zelo das almas. Tu mesmo és testemunha do meu sincero desejo de te louvar e de te render graças, porque tua transbordante ternura não se esquivou diante da minha indignidade. Quero também te louvar porque, lendo essas páginas, alguns irão saborear a doçura da tua ternura e, assim atraídos, conhecerão no seu íntimo as experiências mais elevadas. Através do alfabeto, os estudantes chegam à ciência da Filosofia; do mesmo modo, por meio dessas páginas – que por assim dizer são como figuras pintadas – os leitores aprenderão a saborear interiormente este maná escondido (cf. Ap 2,17), impossível de associar a imagens materiais e que só livra da fome, para sempre, a quem o comer (cf. Eclo 24,29). Digna-te, ó Deus Onipotente, Doador generoso de todos os bens, não nos privar deste alimento ao longo do caminho de nosso desterro, até que, contemplando com a face descoberta a glória do Senhor, sejamos transformados em sua própria Imagem, indo de claridade em claridade (cf. 2Cor 3,18), ao sopro do teu suavíssimo Espírito<sup>50</sup>.

A segunda amostra dessa conversão tomamos de seus *Exercícios espirituais*, roteiro V, onde Gertrudes propõe ao exercitante uma oração em preparação à *lectio divina* das Sagradas Escrituras. Ela introduz a oração dizendo: “Rogai que o Senhor grave em vosso coração, com as letras vivas do seu Espírito, a lei inflamada do seu divino amor,

<sup>46</sup> Cf. FORASTIERI, 2013, p. 144.

<sup>47</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 2, p. 26. Ao ver-se vagando “na região da dessemelhança”, a autora cita Agostinho: “in regione dissimilitudine” (*Confissões*, Livro VII, n. 10).

<sup>48</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 2, n. 2, p. 84

<sup>49</sup> DOYÈRE (trad.), 1968, p. 33.

<sup>50</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 24, n. 1, p. 140-141.



para viverdes em união com Ele”<sup>51</sup>. Em seguida, compõe uma criativa oração em que as letras gregas – comuns à Filosofia e aos escritos sapienciais da *Septuaginta* – servem de analogia para o aprendizado da *lectio divina*. Gertrudes pede que os olhos de seu coração sejam conduzidos pelo Dedo de Deus (*Digitus Dei*)<sup>52</sup>, à semelhança do pedagogo que, com seu indicador sobre a página, traça ao discípulo o rumo da leitura:

Como estais perto daqueles que Vos buscam, ó Deus Amor! Como sois doce e suave com aqueles que Vos encontraram! Ah, se Vos dignásseis abrir diante de mim, neste momento, vosso alfabeto admirável; ah, se meu coração tivesse a felicidade de receber de Vós uma lição [*lectio*] e ali, então, ler! Ensinai-me, por experiência, em que consiste o glorioso e soberano Alpha do vosso amor tão sublime. Não me deixeis ignorar o Beta da vossa real sabedoria, esta fecunda letra que significa a vida que concedeis a todos os seres. Mostrai-me com vosso divino Dedo – vosso Santo Espírito – todas e cada uma das letras do vosso amor, a fim de que – tendo os olhos do meu coração purificados pela verdade – penetre vossas delícias mais escondida; que eu sonde, percorra, aprenda, saiba e reconheça, tanto quanto possível nesta vida, os caracteres deste celeste alfabeto. Ensinai-me, por vosso Santo Espírito, o Tau da suprema perfeição, e conduzi-me enfim ao Ômega da completa consumação. Ensinai-me já agora, tão perfeitamente, a vossa Escritura de caridade e ternura, que não reste em mim um só Jota vazio de vosso amor, ou [qualquer outro vazio] onde a ignorância possa causar-me atraso quando me chamardes a contemplar-Vos, na eternidade, mirando apenas Vós em Vós, ó Deus Amor, doce objeto de minhas afeições. Amém<sup>53</sup>.

Passando das letras à revelação bíblica, da filosofia ao evangelho, a autora avança no caminho do amor divino, tornando-se em primeira pessoa um dos seus arautos – donde o título “Arauto” ou “Mensageiro do amor divino” (*Legatus divinae pietatis*). Nessas mesmas páginas, Gertrudes interpreta seu itinerário religioso como uma *reformatio* (reforma ou restauração) da *Imago Dei* nela, por obra do Espírito Santo:

Ó Fogo verdadeiro, que tudo consome! Ó Fogo operante, cujo poder queima os vícios para manifestar à alma o suave vigor de tua unção! Só em ti nos é dada a força que restaura, re-formando nosso ser segundo a imagem e semelhança original<sup>54</sup>.

## Ênfases pneumatológicas em Gertrudes

É fato emblemático que os volumes do *Legatus* se abram com esta afirmação pneumatológica, no primeiro parágrafo do prólogo:

---

<sup>51</sup> *Manual gertrudiano*. Roteiro V, p. 226.

<sup>52</sup> “Dedo de Deus” é um dos títulos do Espírito Santo sugerido no Evangelho de Lucas 11.20 com paralelo em Mateus 12.28; também entoado no hino *Veni Creator Spiritus*, na terceira estrofe: *Digitus paternae dexteræ* (Dedo da destra do Pai).

<sup>53</sup> *Manual gertrudiano*. Roteiro V, p. 226-228.

<sup>54</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 7, n. 2, p. 97.

Dispensador de todos os bens, o Espírito Consolador que “sopra onde quer” (Jo 3,8), como quer e quando quer, prefere manter secretas suas inspirações, mas também agrada-lhe ordenar, para o bem de um maior número de almas, a maneira de manifestá-las, como sucede no caso desta serva de Deus<sup>55</sup>.

A menção ao Espírito Santo nas primeiras linhas do *Legatus* não é retórica, mas teológica, como pessoa da Trindade e dom pascal que opera no coração dos crentes, como dito no Novo Testamento (cf. Jo 4.14 e 7.38-39; Rm 5.5; 1Co 3.16 e 6.19; Gl 4.6). Gertrudes acolhe essa palavra como graça provada em primeira pessoa, destacando, sobretudo, sua experiência de consolação, recepção dos carismas e atualização do Pentecostes no cotidiano.

### *Consolada e vivificada pelo Paráclito*

Em seu percurso teologal, Gertrudes reconhece o Espírito Santo como vínculo de união da alma com Deus.<sup>56</sup> O Paráclito lhe inspira a boa palavra<sup>57</sup>, suscita a compunção<sup>58</sup> e, acima de tudo, realiza nela a *Imago Dei* que foi impressa na natureza humana pela Santíssima Trindade<sup>59</sup>. Diante do Cristo Crucificado, Gertrudes ora “por todas as negligências que extinguíram em mim o sopro suave do teu Espírito”, renovando sua união com o Cristo, Mediador da salvação, “na virtude do Espírito Santo”<sup>60</sup>. Ela utiliza aqui uma formulação recorrente na liturgia, relacionando soteriologicamente a mediação do Cristo-Ungido (*per Christum dominum nostrum*) e a potência do Espírito-Unção (*in virtute Spiritus Sancti*) – como reza o Rito Romano: “a Vós, ó Pai, por Cristo Senhor nosso, na unidade do Espírito Santo”<sup>61</sup>. Pois o Espírito é vínculo de amor na vida trinitária, entre o Pai e o Filho, e na vida teologal dos fiéis, entre Deus e o crente. Daí as expressões usadas no *Legatus*: “na força do Espírito Santo”<sup>62</sup>, “sob a ação do Espírito Paráclito”<sup>63</sup>, “no Espírito Santo”<sup>64</sup>. Como observa Vagaggini, as palavras *in virtute Spiritus Sancti* constituem “uma fórmula notável” que Gertrudes “frequentemente usa” para assinalar a ação do Espírito Santo, seja ao contemplar a Trindade, seja ao avaliar sua própria caminhada espiritual.<sup>65</sup> Essa percepção de Gertrudes atravessa as páginas do *Legatus* e ecoa nos seus *Exercícios espirituais*:

<sup>55</sup> No mesmo *Legatus divinae pietatis*. Prólogo n. 1, p. 17.

<sup>56</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 3, n. 3, p. 34.

<sup>57</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 16, n. 1, p. 69.

<sup>58</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro III, Cap. 48, n. 1, p. 262.

<sup>59</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 24, n. 1, p. 141: aqui o *Legatus* menciona Gn 1.26-27.

<sup>60</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 18, n. 2, p. 117.

<sup>61</sup> Fórmula conclusiva de todas as orações do dia (*collectae*), nas celebrações eucarísticas feriais e dominicais do *Missal Romano*, bem como nas orações finais de Laudes e Vésperas da *Liturgia das Horas*.

<sup>62</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 18, n. 2, p. 117.

<sup>63</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 23, n. 16, p. 136.

<sup>64</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 23, n. 22, p. 139.

<sup>65</sup> VAGAGGINI, 1959, p. 725.

Sois o Amor flamejante! Derramai sobre mim, no curso desta peregrinação [terrena], uma bênção viva, eficaz, terna e ao mesmo tempo abrasadora e pura; que todo o meu ser se inflame e se consuma no Fogo da vossa caridade sem jamais se apagar<sup>66</sup>.

### *Agraciada com dons e carismas*

A menção aos carismas de Gertrudes nos reenvia às primeiras linhas do *Legatus divinae pietatis*. Logo após o prólogo, esse livro apresenta-nos Gertrudes como uma mulher carismática, que recebia os dons espirituais (*charismata*) com liberdade, generosidade e fecundidade. Dentre as muitas referências ao Espírito Santo já comentadas, estas linhas se destacam como testemunho dos dons espirituais que operavam em Gertrudes:

Sua palavra era doce e penetrante, tão hábil sua eloquência, seu discurso tão persuasivo, eficaz e sedutor, que a maior parte dos seus ouvintes, com o coração aliviado e a vontade transformada, dava testemunho convincente ao Espírito de Deus que falava nela (cf. At 6,10). Pois essa palavra “viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, adentrando a ponto de dividir alma e espírito” (Hb 4,12) nela habitava e operava todas as coisas. Uns recebiam de suas palavras o toque do arrependimento que os levava à salvação; outros recebiam a luz do conhecimento de Deus e de suas próprias misérias; a alguns, o socorro de um alegre consolo; a outros, enfim, inflamava o coração com o fogo do amor divino. Até mesmo estranhos, que haviam conversado com ela uma só vez, reconheciam ter obtido um imenso proveito. E embora dotada com essas e outras graças semelhantes que costumam estimular o desejo humano de agradar, não se deve pensar que o que se vai ler [ao longo deste livro] ela o tenha imaginado com tal intuito, na engenhosidade e vivacidade de sua mente, ou que o tenha escrito para satisfazer seu talento literário e a habilidade de sua eloquência. Longe disso! Estejamos absolutamente convencidos de que tudo foi um dom gratuito da fonte da sabedoria divina e inspirado por esse mesmo Espírito que “sopra onde quer” (Jo 3,8), quando quer, a quem quer e o que quer, segundo as conveniências de pessoa, lugar e tempo<sup>67</sup>.

Como nota Forastieri, essa página mostra que Gertrudes era “reconhecida como mestra espiritual por seus contemporâneos”<sup>68</sup>. A constatação, registrada no *Legatus*, de que era “o Espírito de Deus que falava nela”<sup>69</sup> e de que ela pôs-se a escrever “por instigação do Espírito de Deus e em ação de graças”<sup>70</sup> corresponde ao que Gertrudes pedia em oração:

Concede-me, ó Doador de todos os dons – de quem procede todo bem e sem o qual nada pode ser considerado firme ou bom – concede-me, para tua glória e minha salvação,

---

<sup>66</sup> *Manual gertrudiano*. Roteiro VI, p. 296.

<sup>67</sup> GERTRUDES. *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. I, n. 3, p. 27-28.

<sup>68</sup> FORASTIERI, 2013, p. 158.

<sup>69</sup> *Legatus divinae pietatis*. Prólogo n. 7, p. 20.

<sup>70</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 3, p. 27-28.

que eu reconheça minha falta de méritos em relação a todos os teus dons, interiores e exteriores, e, além disso, que em tudo eu confie plenamente no teu amor<sup>71</sup>.

Confiando-se ao Paráclito, ela não se apoia em méritos individuais. Ademais, a presença dos dons espirituais em Gertrudes é afirmada claramente no Livro IV do *Legatus*: Gertrudes vê-se “ornada com os sete dons do Espírito Santo”<sup>72</sup>; sua inteligência é “instruída” pela “unção do Santo Espírito”<sup>73</sup>; também sua vontade é educada pelo Espírito divino, que lhe “supre toda indignidade” e a imerge na “fonte viva da luz eterna”<sup>74</sup>. Quando reza o Pai-Nosso, o faz “sob inspiração” do Paráclito, que lhe sugere “as intenções da prece”<sup>75</sup>. Diante dos pecados humanos, o mesmo Espírito lhe concede a comunhão e o arrependimento<sup>76</sup>. Ao ouvir a palavra de Deus e participar dos sacramentos, ela é amparada pelo “dom de ciência”, com o qual o Espírito lhe “ensina e inspira sincera ação de graças”<sup>77</sup>.

Note-se que “os sete dons do Espírito Santo” referidos no *Legatus*<sup>78</sup> constituem os chamados dons santificantes, que a teologia clássica da graça toma de Isaías 11.1-3, segundo a versão bíblica da Vulgata: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Esse septenário de dons sugere a pessoa mesma do Espírito Santo como o dom por excelência. Os dons santificantes são compreendidos como *infusos*, comunicados pelo Espírito Santo no Batismo para a santificação, isto é, a configuração dos batizados a Jesus Profeta, Sacerdote e Rei, congregados na comunidade de fé que é a igreja. Já os dons carismáticos são compreendidos como *efusos*, no sentido de livre manifestação do Espírito Santo na vida dos crentes, pois ele “distribui seus dons [*charismata*] conforme lhe apraz” (cf. Rm 12.11). Enquanto os sete dons visam à santificação, os dons carismáticos – em sua liberdade e diversidade – visam “à utilidade de todos” (1Co 12.7), servindo especialmente à edificação da igreja e ao testemunho do evangelho. Nas citações acima, o *Legatus* menciona os dons santificantes como habituais em Gertrudes e permite identificar também a manifestação de alguns carismas – na linha de Rm 12.6-9 e 1Co 12.8-10 – como: palavra de sabedoria<sup>79</sup>, palavra de ciência<sup>80</sup>, discernimento dos espíritos<sup>81</sup> e exortação<sup>82</sup>. O mesmo

<sup>71</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 20, n. 16, p. 126.

<sup>72</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 2, p. 16.

<sup>73</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 2, p. 24: aqui há uma menção a 1Jo 2.27.

<sup>74</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 17, p. 107-108: a expressão “fonte viva da luz eterna” remete certamente à teologia mística de Hugo de São Vítor, frequentemente citado por Gertrudes. Em suas obras, Hugo usa essa expressão para indicar a graça divina iluminando o coração do fiel, cujo conhecimento se eleva em amor, por obra do Espírito Santo (cf. HUGUES DE SAINT-VICTOR. *De contemplatione et eius speciebus*. Tournai-Paris: Desclée et Cie., 1958).

<sup>75</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 19, p. 111.

<sup>76</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 25, p. 135.

<sup>77</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 55, p. 268-269.

<sup>78</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 2, p. 16.

<sup>79</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 3, p. 27-28.

<sup>80</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 3, p. 27-28 e Livro IV, Cap. 55, p. 268-269.

<sup>81</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 19, p. 111 e no mesmo Livro IV, Cap. 25, p. 135.

<sup>82</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 3, p. 27-28.

*Legatus* observa que os dons e carismas incrementaram-se notadamente em Gertrudes após sua experiência de 1281: dessa “conversão” adiante, ela transcorreu seus dias como frutuosa “vida no Espírito”<sup>83</sup>.

### *Desejosa de um novo Pentecostes*

Gertrudes deseja e pede um novo Pentecostes, compreendido como efusão ou sopro novo do Paráclito em sua vida, a partir dos textos joaninos, mais que lucanos. Isso se verifica no Livro IV do *Legatus*, onde ela destaca a preparação, a celebração e os frutos de Pentecostes em três capítulos: Livro IV, Caps. 32, 37, 38. Essa sequência de relatos começa na oitava litúrgica do Domingo de Páscoa, quando se proclamava o Evangelho de João 20.19-23, em que Jesus Ressuscitado aparece aos discípulos e, soprando sobre eles, lhes concede o Espírito Santo. Gertrudes pede esse dom, ao que Jesus responde: “Se desejas receber o Espírito Santo, é preciso que, seguindo o exemplo de meus discípulos, tu me toques o lado e as mãos”<sup>84</sup>. Contemplando, então, o lado transpassado do Senhor – apresentado por João no capítulo 19.31-37 de seu evangelho –, Gertrudes compreende que para receber o Paráclito deve antes “considerar com gratidão o amor do Coração do Senhor, porque é por seu amor que Deus nos predestinou desde toda a eternidade para sermos seus filhos e herdeiros de seu Reino”<sup>85</sup>. Trata-se do coração aberto de Jesus, visto como fonte da “água viva” do Espírito, conforme os signos do Evangelho de João 7.37-39 e 19.34-35. Deste modo, Gertrudes se insere na longa tradição patrística que associa o dom do Espírito em João 7.37-39 (*água viva*) com a água que mana do Redentor transpassado em João 19.34-35: “um dos soldados transpassou-Lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água”. Como observa Dodd, “do corpo crucificado de Cristo jorra a torrente vivificante: a água que é o Espírito dado aos que creem nele (Jo 7,38-39), a água que se alguém beber jamais terá sede de novo (Jo 4,14)”<sup>86</sup>. Em seguida, contemplando as mãos chagadas do Senhor, Gertrudes compreende que deve

---

<sup>83</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 17, p. 107: o texto latino destaca *in Spiritu Sancto*.

<sup>84</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 32, p. 162.

<sup>85</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 32, p. 163.

<sup>86</sup> DODD, C. H. *A interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 565-566. Nesse caso predomina a interpretação cristológica, assimilada por Gertrudes: é do íntimo (*koilia*) de Cristo que promana a água viva do Espírito, dom messiânico; então, sorvida pelo crente, torna-se neste uma fonte que jorra (cf. Jo 4.14). A leitura patrística dessas passagens joaninas costuma associar o íntimo do Messias (*koilia*) com o coração do Crucificado (*kardia*), aberto pela lança sobre a cruz. Uma das bases dessa leitura é a identificação de Cristo como rocha-nascente da nova aliança, à semelhança da rocha tocada por Moisés, donde nasceu água no deserto: “pois [os hebreus no deserto] bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava; e essa rocha era Cristo” (1Co 10.4). Sobre isto, cf. BERNARD, Ch. Cuore di Cristo e costato trafitto. In: FRANCHINI, E. et alii. *La spiritualità del Cuore di Cristo*. Bologna: EDB, 1990. p. 94-95; também: RAHNER, K. Fondamenti biblici della devozione al sacro Cuore di Gesù. In: STIERLI, J. *Cor Salvatoris*. Brescia: Morcelliana, 1956. p. 31-47.

recordar com reconhecimento as obras realizadas para a nossa redenção: [...] quem agir desta maneira receberá o Espírito Santo com os sentimentos que tiveram os discípulos, quando o mesmo Espírito lhes foi comunicado pelo sopro do Filho de Deus<sup>87</sup>.

Dias depois, às vésperas de Pentecostes como se lê no Cap. 37 do Livro IV do *Legatus*, ela pede ao Senhor que a prepare para receber o Espírito Santo “mediante as virtudes da pureza de coração, humildade, paz e concórdia”<sup>88</sup>. Então Jesus lhe concedeu graças segundo essas virtudes: ela soube interiormente que seu coração fora purificado; viu um recôndito espaço em sua alma para ali receber os dons do Espírito Santo; recebeu a brisa refrescante do mesmo Espírito que lhe trazia paz nos momentos de adversidade; teve sua caridade confirmada pelo dom de fortaleza, para que nela se conservasse a presença e as operações do Espírito divino.<sup>89</sup>

Chegado o dia de Pentecostes, como se lê no Cap. 38 do mesmo Livro IV do *Legatus*, Jesus assevera para Gertrudes a plenitude do Espírito Santo, qual dom a inundar o abismo de sua miséria e indignidade.<sup>90</sup> A promessa do novo Pentecostes é evidente no paralelo entre Atos dos Apóstolos – “Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós” (At 1.8) – e a promessa que Gertrudes ouve de Jesus: “Recebereis a virtude do Espírito Santo sobrevinda em vós”<sup>91</sup>. No texto latino, as frases são idênticas: *Accipietis virtutem supervenientes Spiritus Sancti in vos* (At 1.8)<sup>92</sup>. Notemos ainda que, em Atos dos Apóstolos, essa frase se refere “à promessa do Pai, a qual – disse Ele [Jesus] – ouvistes de minha boca: pois João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, dentro de poucos dias” (At 1.5). Desejosa de que nela se cumpra tal promessa, Gertrudes contempla o Espírito Santo como “um manancial puríssimo, semelhante a um favo de mel que se espalha, a fluir [...] do Coração do Filho de Deus”<sup>93</sup>. Então “ela compreendeu que essa fonte representava a doçura do Espírito Paráclito que, pelo Coração do Filho de Deus, enchia o coração dos eleitos”<sup>94</sup>. Essa fonte foi derramada em seu coração de filha; fonte aberta e copiosa “à semelhança da fonte batismal, para que cada vez que ela ali mergulhasse, fosse purificada de toda mácula, tornando-se aceitável aos olhos do Senhor”<sup>95</sup>. Ao falar desse “veio” ou “manancial” em que mergulha<sup>96</sup>, Gertrudes descreve, a seu modo, a *imersão* ou *batismo* no Espírito Santo como “graça salutar” recebida em Pentecostes.<sup>97</sup> Uma

<sup>87</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 32, p. 163: citando Jo 20.22.

<sup>88</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 37, p. 181.

<sup>89</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 37, p. 181-182.

<sup>90</sup> Cf. *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183.

<sup>91</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183.

<sup>92</sup> O *Legatus* repete a promessa de Atos dos Apóstolos, conforme a tradução da Vulgata: “Accipietis virtutem supervenientes Spiritus Sancti in vos” (At 1.8 na edição latina de *Sources Chrétiennes*, 1978, p. 312). Para texto bíblico em latim, cf. *Biblia Sacra iuxta vulgatam versionem* (Edição SBB, 2011).

<sup>93</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183.

<sup>94</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183.

<sup>95</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 184.

<sup>96</sup> O texto latino de *Sources Chrétiennes* diz “vena”: veio ou filão líquido (GERTRUDE D’HELFTA. *Legatus divinae pietatis IV: Le héraut de l’amour divin* 4. Paris: Éditions du Cerf, 1978. p. 312).

<sup>97</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro 38, p. 184.

graça distinta do Batismo, mas sempre referida a esse sacramento, enquanto obra do Paráclito, que renova e faz frutificar a graça batismal.<sup>98</sup>

Gertrudes não cita os versículos evangélicos em que o batismo no Espírito Santo é mencionado (cf. Mt 2.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33), mas o tem em mente e o expressa em linguagem joanina, não sinótica. Passando por Atos 1.5-8, ela se volta ao Quarto Evangelho: fala explicitamente de “mergulho” no “manancial puríssimo” do Paráclito que “flui do Coração do Filho de Deus”<sup>99</sup>, segundo a “interpretação pentecostal dada por João à água” que “brota do lado trespassado do Redentor (Jo 19,34)” – como observa Carminati<sup>100</sup>. Como diz João: “[...] de seu seio (*koilia*) jorrarão rios de água viva: Ele [Jesus] falava do Espírito que deveriam receber aqueles que haviam crido nele” (Jo 7.38b-39). Essa interpretação chega até Gertrudes por via litúrgica e patrística, com Justino, Irineu, Ambrósio, João Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho, lidos no Ofício Divino e nas *lectiones* da Escritura.<sup>101</sup> De fato, João Crisóstomo, em suas *Catequeses*, destaca o “banho de renascimento e renovação no Espírito Santo”<sup>102</sup>; e Ambrósio afirma claramente que beber dos “fluxos impetuosos do rio da vida” proporciona a recepção dos carismas, como: “linguagem de sabedoria, fé, dom da cura e poder de milagres”<sup>103</sup>.

Mediante esse mergulho renovador nas águas do Paráclito, Gertrudes pede a Cristo que “o divino Espírito” assegure nela a sua “permanência e as operações”<sup>104</sup>. A permanência (*inhabitationem*) indica a conservação dos dons pela habitação interior do Paráclito, que é o dom por excelência; já as operações (*operationes*) indicam a renovada moção do mesmo Espírito.<sup>105</sup> O *Legatus* é claro a esse respeito: Gertrudes deseja “receber o Espírito Santo”<sup>106</sup> na celebração de Pentecostes, renovando a efusão do Paráclito ocorrida em Atos dos Apóstolos, como ela enfatiza: “Recebereis a virtude do Espírito Santo sobrevinda em vós”<sup>107</sup>. Ao mesmo tempo em que reconhece “a habitação do Espírito Santo nela, pelo Batismo [sacramental]”<sup>108</sup> – tendo assim recebido

<sup>98</sup> A propósito, na edição de *Sources Chrétiennes*, essa passagem do *Legatus* traz o subtítulo “Le baptême de l’Esprit”: o batismo do Espírito (GERTRUDE D’HELFTA, 1978, p. 311).

<sup>99</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183

<sup>100</sup> CARMINATI, 1984, p. 64 e 69.

<sup>101</sup> CARMINATI cita JUSTINO. *Dialogus cum Tryphone judaeo*. n. 14, 69, 114 e 135. In: *Patrologia Graeca*. v. 6, respectivamente colunas 504, 637-640, 740 e 788; IRINEU, *Adversus haereses III*, n. 24,1 e V, n. 18,2. In: *Patrologia Graeca*. v. 7, respectivamente colunas 966 e 1173; AMBRÓSIO. *De Spiritu Sancto I*, n. 156-157. In: *Patrologia Latina*. v. 16, coluna 740; JERÔNIMO. *Breviarium in Psalmos – Ps LXXVII*. In: *Patrologia Latina*. v. 26, coluna 1112; AGOSTINHO. *Sermo V*, n. 3. In: *Patrologia Latina*. v. 38, coluna 55. Essas fontes são da coleção *Patrologia Graeca* e *Patrologia Latina*, editadas por Migne apud CARMINATI, 1984, p. 75-86 e 104-119.

<sup>102</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. *Catequeses Batismais III*, n. 16-18. In: JEAN CHRYSOSTOME. *Catéchèses batismales III*. Paris: Éditions du Cerf, 1957. p. 160-162. (tradução nossa).

<sup>103</sup> AMBRÓSIO. *Enarratio in Psalmum 45*, 5. In: AMBROSII MEDIOLANENSIS. *Enarratio in Psalmum 45*. Paris: Éditions Vrayet, 1844. coluna 1.844. (tradução nossa).

<sup>104</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, n. 37, p. 182.

<sup>105</sup> “Ego meipsum [...] obfirmo et conservo inhabitationem et operationes Spiritus mei divini”, na edição de *Sources Chrétiennes* (1978, p. 310).

<sup>106</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 37, p. 181.

<sup>107</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183; citando At 1.8.

<sup>108</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 186.



os “sete dons” santificantes –, Gertrudes pede a Deus “com orações especiais” que esses mesmos dons sejam manifestos uma vez mais pela “vinda do Espírito Santo” em seu coração, no Domingo de Pentecostes.<sup>109</sup> Seu desejo do novo derramamento do Paráclito se expressa, mais uma vez, nesta oração:

Derramai sobre mim, no curso desta peregrinação [terrena], uma bênção viva, eficaz, terna e ao mesmo tempo abrasadora e pura; que todo o meu ser se inflame e se consuma no Fogo da vossa caridade sem jamais se apagar<sup>110</sup>.

Historicamente distante do movimento pentecostal moderno, Gertrudes não menciona o batismo ou imersão na *água viva* do Espírito como experiência distintiva, como se fosse evidência de alguma superioridade espiritual, nem como marca identitária de sua confissão cristã. Para ela, trata-se de uma experiência renovada do Pentecostes em continuidade com os sacramentos, que atualiza em sua vida a promessa de Jesus: “[...] sereis batizados com o Espírito Santo” (At 1.5). Ela acolhe essa graça na condição de mulher batizada, membro-vivo da igreja que celebra o mistério pascal. Como diz Carminati:

Com o dom da água, Cristo nos batiza com o Espírito Santo (cf. Jo 1,33; Mc 1,8; Mt 3,11) e nos transmite o Espírito libertador (cf. 2Cor 3,17; Rm 8,2; Ef 1,14; Ef 4,30), capacitando-nos a percorrer os caminhos do êxodo (cf. 1Cor 10,2 com Gl 3,27), sem arrependimentos e sem cansaços; pelo contrário, na alegria e na fidelidade que são justamente os frutos do Espírito Santo (Gl 5,22)<sup>111</sup>.

Gertrudes recebe o batismo no Espírito Santo como experiência cotidiana do novo Pentecostes, que inflama a caridade e os carismas que ela tem experimentado desde a sua conversão de *grammatica* a *theologa*, na confiança amorosa do Divino Esposo.

## Considerações finais

Como vimos, Gertrudes não redige um tratado de pneumatologia, mas descreve sua experiência do Espírito Santo com remissões bíblicas e litúrgicas precisas, compondo uma teologia narrativa ao mesmo tempo profunda e simples, correta do ponto de vista bíblico-sistemático e acessível em sua linguagem feminina e cordial. Neste sentido, é de fato *theologa* como diz o *Legatus*.<sup>112</sup> Pois ela se move no terreno da teologia primeira, do *auditus fidei* (escuta fiducial) da palavra de Deus nas Escrituras e na tradição, acessando as fontes bíblicas, litúrgicas e patrísticas com sensibilidade e sabedoria. Doutra intérprete das operações do Paráclito, ela aprendeu com a igreja a acolher suas moções intimamente: ouve os evangelistas, caminha com os apóstolos,

<sup>109</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 185.

<sup>110</sup> *Manual gertrudiano*. Roteiro VI, p. 296.

<sup>111</sup> CARMINATI, 1984, p. 153-154.

<sup>112</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro I, Cap. 1, n. 2, p. 26.

frequenta a companhia dos padres e deixa-se instruir com os mestres, de Agostinho a Bernardo de Claraval. Neles, ela encontra homens de consolação que apontam ao próprio Consolador – o verdadeiro pedagogo que “a habita, abrasa, ensina e atrai”<sup>113</sup>.

O testemunho de Gertrudes é um pequeno oásis no campo árido da pneumatologia ocidental, se considerarmos o notório *déficit* do Espírito na reflexão metódica dos tratados teológicos na cristandade europeia. Ela invoca o Paráclito como “Doador de todos os dons”<sup>114</sup>, deseja estar “repleta de vosso Espírito”<sup>115</sup> e menciona o “banho” ou “mergulho” na “fonte de suavidade do Espírito”<sup>116</sup> como vivência do Pentecostes em sua vida. Embora se refira a Atos 2, Gertrudes valoriza o Pentecostes joanino (cf. Jo 7.37-39; 19.30,34; 20.22), contemplado com um olhar litúrgico-sacramental, familiar à espiritualidade monástica. Sua ênfase à obra do Paráclito como amor e doador de todos os carismas, em pleno séc. XIII, faz de Gertrudes uma autora relevante para a pneumatologia e, em certa medida, precursora da piedade pentecostal moderna, sete séculos antes da recente “redescoberta do Espírito”<sup>117</sup>.

## Referências

- AGOSTINHO. *Confissões*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- AMBRÓSIO [AMBROSII MEDIOLANENSIS]. Enarratio in Psalmum 45,5. In: MIGNE, J.-P. (éd.). *Patrologia Latina*. Paris: Éditions Vrayet, 1844. v. 14, coluna 1.194.
- BERNARD, Ch. Cuore di Cristo e costato trafitto. In: FRANCHINI, E. et alii. *La spiritualità del Cuore di Cristo*. Bologna: EDB, 1990. p. 85-99.
- CARMINATI, A. *Ele veio pela água e pelo sangue*: reflexão bíblico-patristica sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRAZILEIRA. *Manual gertrudiano ou Exercícios espirituais de santa Gertrudes Magna*. Friburgo em Brisgäu: Herder, 1914.
- DODD, C. H. *A interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- DOYÈRE, Pierre (trad.). Introduction. In: GERTRUDE D'HELFTA. *Le héraut de l'amour divin I-II*. Paris: Éditions du Cerf, 1968.
- FORASTIERI, A. L. Santa Gertrudis Magna: uma mística teóloga. In: *Revista Teoliterária*, v. 3, n. 6, p. 140-185, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/ad/Downloads/Dialnet-SantaGertrudis-5363345.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- FREITAS CARVALHO, J. A. M. *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: INIC-Universidade do Porto, 1981.
- GERTRUDES. *Legatus divinae pietatis I, II, III*: Mensagem da misericórdia divina. Tradução de Maria Zuleika Bezerra. Juiz de Fora: Subiaco, 2012.
- GERTRUDES. *Legatus divinae pietatis IV*: Mensagem do amor de Deus. Tradução de Celso da Costa C. Vidigal. São Paulo: Artpress, 2016.
- GERTRUDE D'HELFTA. *Les Exercices*. Paris: Éditions du Cerf, 1967. (Sources Chrétiennes 127).

---

<sup>113</sup> *Manual gertrudiano*. Roteiro II, p. 130.

<sup>114</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro II, Cap. 20, n. 16, p. 126.

<sup>115</sup> *Manual gertrudiano*. Roteiro I, p. 120.

<sup>116</sup> *Legatus divinae pietatis*. Livro IV, Cap. 38, p. 183-184.

<sup>117</sup> HEITMANN, C.; MÜHLEN, H. *La riscoperta dello Spirito*. Milano: Jaca, 1977.

GERTRUDE D'HELFTA. *Legatus divinae pietatis I-II*: Le hérault de l'amour divin 1-2. Paris: Éditions du Cerf, 1968. (Sources Chrétiennes 139). Edição aos cuidados de J.-M. Clément e B. de Vregille.

\_\_\_\_\_. *Legatus divinae pietatis III*: Le hérault de l'amour divin 3. Paris: Éditions du Cerf, 1968. (Sources Chrétiennes 143). Edição aos cuidados de J.-M. Clément e B. de Vregille.

\_\_\_\_\_. *Legatus divinae pietatis IV*: Le hérault de l'amour divin 4. Paris: Éditions du Cerf, 1978. (Sources Chrétiennes 255). Edição aos cuidados de J.-M. Clément e B. de Vregille.

\_\_\_\_\_. *Legatus divinae pietatis V*: Le hérault de l'amour divin 5. Paris: Éditions du Cerf, 1986. (Sources Chrétiennes 331). Edição aos cuidados de J.-M. Clément e B. de Vregille.

HEITMANN, C.; MÜHLEN, H. *La riscoperta dello Spirito*: esperienza e teologia dello Spirito Santo. Milano: Jaca, 1977.

HUGUES DE SAINT-VICTOR. *De contemplatione et eius speciebus*. Edição crítica de R. Baron. Tournai-Paris: Desclée et Cie., 1958.

JOÃO CRISÓSTOMO [JEAN CHRYSOSTOME]. *Catéchèses batismales III*. Paris: Éditions du Cerf, 1957. p. 160-162. (Sources Chrétiennes, v. 50).

PERROUX, A. Tradition et actualité de la mystique médiévale – Sainte Gertrude d'Helfta. In: *Studia Dehoniana*, Roma, n. 52, p. 83-120, 2009.

QUENARDEL, O. *Saint Gertrud of Helfta*: doctor of the prayer of the Church. Disponível em: <<http://www.abbotjohnneudes.org/StGertrude.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

RAHNER, K. Fondamenti biblici della devozione al sacro Cuore di Gesù. In: STIERLI, J. *Cor Salvatoris*. Brescia: Morcelliana, 1956. p. 31-47.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL [SBB]. *Biblia Sacra iuxta vulgatam versionem*. Barueri: SBB, 2011. Edição da *Vulgata* no Brasil em colaboração com a Deutsche Bibelgesellschaft de Stuttgart.

VAGAGGINI, C. *Il senso teologico della liturgia*. Roma: Paoline, 1959.